



Confrontando o Território com a Desigualdade Socioespacial da cidade de São Luís-MA/Brasil

Júlia Kátia Borgneth Petrus

ADVERTIMENT. La consulta d'aquesta tesi queda condicionada a l'acceptació de les següents condicions d'ús: La difusió d'aquesta tesi per mitjà del servei TDX (www.tdx.cat) ha estat autoritzada pels titulars dels drets de propietat intel·lectual únicament per a usos privats emmarcats en activitats d'investigació i docència. No s'autoritza la seva reproducció amb finalitats de lucre ni la seva difusió i posada a disposició des d'un lloc aliè al servei TDX. No s'autoritza la presentació del seu contingut en una finestra o marc aliè a TDX (framing). Aquesta reserva de drets afecta tant al resum de presentació de la tesi com als seus continguts. En la utilització o cita de parts de la tesi és obligat indicar el nom de la persona autora.

ADVERTENCIA. La consulta de esta tesis queda condicionada a la aceptación de las siguientes condiciones de uso: La difusión de esta tesis por medio del servicio TDR (www.tdx.cat) ha sido autorizada por los titulares de los derechos de propiedad intelectual únicamente para usos privados enmarcados en actividades de investigación y docencia. No se autoriza su reproducción con finalidades de lucro ni su difusión y puesta a disposición desde un sitio ajeno al servicio TDR. No se autoriza la presentación de su contenido en una ventana o marco ajeno a TDR (framing). Esta reserva de derechos afecta tanto al resumen de presentación de la tesis como a sus contenidos. En la utilización o cita de partes de la tesis es obligado indicar el nombre de la persona autora.

WARNING. On having consulted this thesis you're accepting the following use conditions: Spreading this thesis by the TDX (www.tdx.cat) service has been authorized by the titular of the intellectual property rights only for private uses placed in investigation and teaching activities. Reproduction with lucrative aims is not authorized neither its spreading and availability from a site foreign to the TDX service. Introducing its content in a window or frame foreign to the TDX service is not authorized (framing). This rights affect to the presentation summary of the thesis as well as to its contents. In the using or citation of parts of the thesis it's obliged to indicate the name of the author.



UNIVERSITAT DE BARCELONA



Programa de Doctorado
Geografía, Planificación Territorial y Gestión Ambiental

**CONFRONTANDO O TERRITÓRIO COM A DESIGUALDADE
SOCIOESPACIAL DA CIDADE DE SÃO LUÍS-MA/BRASIL**

Tesis Doctoral presentada por
JÚLIA KÁTIA BORGNETH PETRUS

Director de la Tesis: **DRA. ISABEL PUJADAS RÚBIES**

Barcelona – Espanha

Inverno/2013

CAPÍTULO VII

SÃO LUÍS E SEUS MÚLTIPLOS E COMPLEXOS ESPAÇOS

SÃO LUÍS

Capital Americana da Cultura
Patrimônio Cultural da Humanidade
Athenas Brasileira
Ilha do amor
Cidade dos Azulejos
Jamaica Brasileira
Capital Brasileira do Reggae

Trata-se de fazer um passeio por São Luís, capital do Estado do Maranhão desde o seu descobrimento, tendo em vista entenderem-se seus espaços, suas transformações, evidenciando a evolução urbana, sua formação, a influência na forma de vida das pessoas ao longo do tempo. Divagar por esta cidade, conhecendo a estrutura da urbe, a diferenciação socioeconômica, observando as diversidades sociais do espaço, um olhar especial para as moradias, para as ruas e avenidas, um olhar para a infraestrutura e equipamentos, e outros.

Antes de tudo contextualiza-se São Luís geográfica, histórica e demograficamente, com suas típicas características, e a partir dessa discussão notar a metamorfose dos seus espaços, ponderando a passagem dos espaços urbanos, nos diversos períodos, sobretudo, do período de auge para a decadência econômica.

Caminha-se por uma São Luís que viveu seu ápice de riqueza e fama, caminha-se por uma São Luís que tenta a continuação de sua riqueza, agora por meio da industrialização, observando as características fabris e a interferência desta urbanização do solo ludovicense¹⁰¹.

São Luís, como quase todas as cidades da América Latina, se constitui segregada desde sua formação. Esta afirmação é verdadeira? Este capítulo dará uma noção de seus espaços urbanos, de forma que o leitor possa inferir em suas conclusões.

Importa ressaltar que os autores aqui citados são anônimos para a academia estrangeira, mas são autores de renome, conhecidos por seus préstimos nos estudos a que se refere à cidade de São Luís. A maioria desses autores nasceram na referida cidade, e além, do conhecimento, são movidos pelo afeto. São sociólogos, geógrafos, historiadores, antropólogos, etc. Contudo, os autores, Federico Lago Burnett e José Reinaldo Ribeiro Junior, José Marcelo do Espírito Santo e Marcelino Silva Farias Filho são os mais citados neste trabalho, por a autora entender que suas obras são reconhecidas em nível acadêmico. No mais, este capítulo foi elaborado com ajuda de livros de História e de Geografia¹⁰² e uns

¹⁰¹ Chama-se ludovicense aquela pessoa nascida em São Luís. É o mesmo, portanto, que São-Luísense. (Luís em português) + -ense = ludovicense.

¹⁰² Além dos livros e textos citados, são utilizados alguns livros de Geografia e História do Brasil, Maranhão e de São Luís, os quais estão discriminados na bibliografia da tese.

quantos textos acadêmicos e, sobretudo um olhar construtivo¹⁰³ da autora sobre sua cidade¹⁰⁴

7.1 Situando a cidade de São Luís geograficamente

Começou-se por uma breve localização geográfica do Estado do Maranhão, que tem 217 municípios, sendo sua capital São Luís.

O Estado do Maranhão está situado na região Nordeste do Brasil, apesar de ser uma área de transição entre o Nordeste e a Amazônia. Está limitado ao Norte com o Oceano Atlântico, ao Sul e Sudeste com o Estado de Tocantins, ao Leste com o Estado do Piauí e a Oeste com o Estado do Pará.

O Maranhão apresenta as mais diversas características morfológicas, desde a caatinga nordestina e a mata amazônica, pois é o único Estado da região Nordeste com parte de sua área coberta pela floresta Amazônica, apresentando importantes áreas de proteção ambiental, até a área considerada o único deserto brasileiro, o Parque Nacional de Lençóis Maranhenses, com mais de 200 km² de dunas de areia branca e lagoas de água doce, que se evaporam no período da seca.

São Luís, a capital do Maranhão, possui uma posição bastante privilegiada em relação ao Brasil e ao Mundo, encontra-se bem ao centro do extenso litoral maranhense, o que tem facilitado o intercâmbio com a Europa durante o período Colonial.

São Luís está localizada em uma ilha. Esta divide seu espaço com mais três municípios: São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar, assim formando a Região Metropolitana de São Luís, e ainda se acoplando a referida região metropolitana o município de Alcântara.

¹⁰³ Termo utilizado pela autora no título de sua dissertação de mestrado em Geografia, Planejamento Territorial e Gestão Ambiental *Caracterização socio-econômico do Estado do Maranhão: Uma análise construtiva*, apresentada na Universidade de Barcelona. A referida tese deu origem a um artigo publicado no livro eletrônico Horizontes de Brasil: Encenários, Intercâmbios y Diversidad sob o título *Um olhar social do Estado do Maranhão-Brasil*.

¹⁰⁴ A autora nasceu e educou-se na cidade de São Luís. Há muito que tem um olhar especial para com sua cidade, com inquietudes e com desejo de que o quadro de desigualdade socioeconômico espacial seja visto e analisado pontualmente conforme a necessidade do território. A escolha de sua cidade, baseada em um crescimento acadêmico e maturidade pessoal tem o propósito de contribuir para melhoria de qualidade de vida de seus moradores.

Com seus 834,78 Km², ocupando mais da metade a ilha de São Luís (57%), com seus limites ao norte, Oceano Atlântico; ao sul, os municípios de Rosário e Bacabeira; ao oeste, os municípios de Alcântara e Cajapió; e ao leste São José de Ribamar.

O clima da cidade é tropical e semiúmido, devido à proximidade com a Zona de Convergência Intertropical (ZCIT)¹⁰⁵, com temperaturas que variam de 20 e 23 graus (mínima) a 29 e 32 graus (máxima). Apresenta duas estações que se diferem por ser seca, nos meses de agosto a dezembro e chuvoso nos meses de janeiro a julho. A média pluviométrica é de 2325 mm¹⁰⁶.

Apesar de São Luís pertencer à Região Nordeste, contudo sua proximidade com a Região Norte faz com que tenha característica da flora da Amazônia, além da flora nordestina, sendo assim, São Luís tem uma flora bastante diversificada, com muitos coqueiros e manguezais e um pequeno pedaço da Amazônia, protegido e preservado pelo Parque Estadual do Bacanga.

A cidade é cortada por dois rios: Rio Bacanga, que atravessa o Parque Estadual do Bacanga e o Rio Anil que divide a cidade antiga da cidade moderna. Também o Rio Itapecuru, que abastece a ilha, embora não passe por dentro de São Luís. A capital maranhense encontra-se à altitude de quatro metros acima do nível do mar.

A cidade é privilegiada por uma grande extensão de praias, porém quase todas estão poluídas por problemas de saneamento básico.

Quanto a sua população, com o último censo (2010), passou de um milhão de habitantes, tornando-se a 15ª cidade mais populosa do Brasil, a 4ª da Região Nordeste e a 1ª do Estado do Maranhão. O Índice de Desenvolvimento Humano – Municipal (IDH-M) de 2000 da população de São Luís se encontra no nível médio, quase alto (0,778)¹⁰⁷.

¹⁰⁵ É a área que circunda a Terra, próxima a linha do equador, onde os ventos originários dos hemisférios norte e sul se encontram. Mais detalhes ver dissertação A Zona de Convergência Intertropical (ZCIT) e sua relação com a precipitação na Região Norte do Nordeste Brasileiro.

¹⁰⁶ Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC). Ver no link: <http://www.cptec.inpe.br/>

¹⁰⁷ [http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20\(pelos%20dados%20de%202000\).htm](http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH-M%2091%2000%20Ranking%20decrecente%20(pelos%20dados%20de%202000).htm)

7.2 A evolução demográfica de São Luís

Há preocupação com tamanho em determinado momento e com os possíveis fenômenos oriundos de problemas que afetam ou venham afetar esse tamanho, tais como os nascimentos, os óbitos e fenômenos migratórios. Sendo assim é importante o estudo desses componentes que podem ser afetados por mudanças no tempo e no espaço e como esses fenômenos se relacionam entre si, e ainda sua repercussão demográfica, social e econômica. Contudo, a demografia como estatística realmente não nos diz nada, se não for acompanhada de uma análise e reflexão.

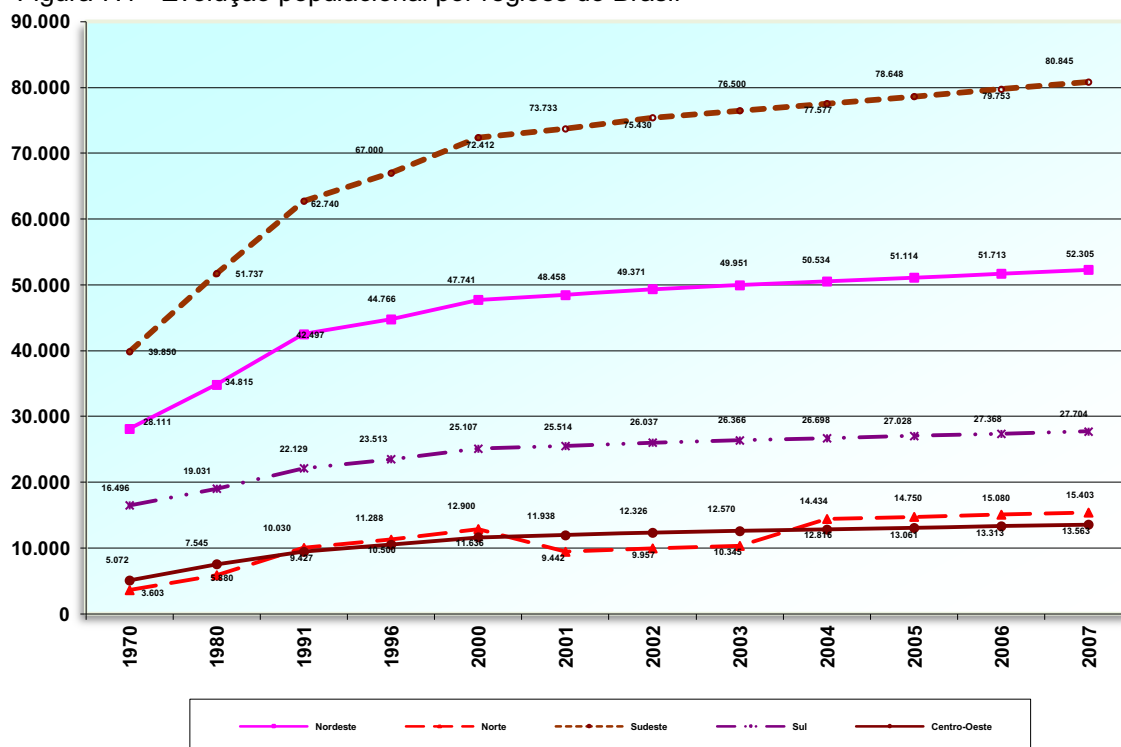
Guillard *apud* Nazareth (1996, p. 65) define demografia como:

Em sentido amplo abrange a história natural e social de espécie humana; em sentido restrito, abrange o conhecimento matemático das populações, de seus movimentos gerais, de seu estado físico, intelectual e moral

Para que se entenda demograficamente São Luís, cumpre analisar-se a população brasileira, regiões, principalmente a região do Nordeste, estado do Maranhão, e obviamente São Luís, com o propósito de evidenciar alguns fatos.

Sendo assim, o Brasil tem uma distribuição populacional por região bastante desigual, havendo concentração no Sudeste e Nordeste. O Norte e o Centro Oeste já são menos povoados, talvez por serem as maiores regiões do Brasil em extensão. Confira demonstração na figura 7.1.

Figura 7.1 - Evolução populacional por regiões do Brasil



Fonte: IBGE: Pesquisa Nacional de Domicílio – PNAD - População estimada 2001 a 2006.

Fonte: IBGE, Contagem da População 1996 e 2007.

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1970, 1980, 1991 e 2000.

Elaboração da autora

Para além disso, o Brasil é um dos países que tem uma das mais baixas densidade demográfica, 22 hab/km², inferior à média mundial, enquanto países com intensa densidade demográfica como Coreia do Sul, Bélgica, Japão, sem falar dos países com menos de 2 Km², como Mônaco e Vaticano, possuem uma excessiva densidade demográfica. No entanto, São Luís possui uma área de 834,78 Km² com uma população de 870,028 (Censo 2000) e 1.014,837 (Censo 2010), com uma densidade demográfica de 1.042,22 (2000) e 1.215,69 (2010) pessoas por Km², uma alta densidade demográfica, contrastando com a densidade do Brasil e do Maranhão, 22,4 e 19,40 (Censo 2010), respectivamente, conforme tabela 7.1.

Tabela 7.1 - População x Densidade Demografia do Brasil, Maranhão e São Luís nos anos 2000 e 2010.

	Brasil		Maranhão		São Luís	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
População	169.799,170	190.732,694	5.651,475	6.574,789	870.028	1.014,837
Aérea (Km²)	8.514.876.599		33.935.507		834.78	
Densidade Demográfica	19,94	22,40	16,65	19,40	1.042,22	1.215,69

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e 2010

Elaboração da autora

O Nordeste é a segunda região mais habitada do Brasil, como na figura 7.1, nesta região se encontra a capital com maior densidade demográfica do Brasil, a cidade de Fortaleza com 7.786,52 pessoas Km². Mesmo parecendo São Luís ter uma elevada densidade demográfica, entretanto da região nordeste é a segunda capital com menos habitantes por quilometro quadrado.

Quanto à evolução demográfica, a tabela 7.2 mostra que São Luís em relação ao Brasil, a região Nordeste e o Estado do Maranhão é a que cresceu mais nesta última década, 16,64%, enquanto o Brasil 12,33% e o Nordeste menos ainda, 11,19. O Maranhão cresce empatado tecnicamente com sua capital.

Tabela 7.2 - Evolução demográfica do Brasil, Nordeste, Maranhão e São Luís nos anos de 2000 e 2010

	2000	2010	Varição %
Brasil	169.799,170	190.732,694	12,33
Nordeste	47.741,711	53.081,950	11,19
Maranhão	5.651,475	6.574,789	16,34
São Luís	870,028	1.014,837	16,64

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e 2010

Elaboração da autora

A tabela 7.3, dá a conhecer o crescimento populacional do Brasil, da região Nordeste, Maranhão e São Luís em valores absolutos, e logo a tabela 7.4 representa a variação populacional, para melhor visibilidade na análise.

Tabela 7.3 - População nos Censos Demográficos, segundo Brasil, Região Nordeste, Maranhão e São Luís - 1872/2010

Censos	Brasil	Nordeste	Maranhão	São Luís
1872 ¹	9.930.478	4.638.560	359.040	31.604
1890 ¹	14.333.915	6.002.047	430.854	29.308
1900 ¹	17.438.434	6.749.507	499.308	36.798
1920 ¹	30.635.605	11.245.921	874.337	52.929
1940 ¹	41.236.315	14.434.080	1.235.169	85.583
1950 ¹	51.944.397	17.973.413	1.583.248	119.785
1960 ²	70.992.343	22.428.873	2.492.139	159.628
1970 ²	94.508.583	28.675.110	3.037.135	270.651
1980 ²	121.150.573	35.419.156	4.097.231	460.320
1991 ³	146.917.459	42.470.225	4.929.029	695.199
2000 ³	169.590.693	47.693.253	5.642.960	868.047
2010 ³	190.755.799	53.081.950	6.574.789	1.014.837

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

(1) População presente. (2) População recenseada. (3) População residente.

Elaboração da autora

Tabela 7.4 - Variação populacional, segundo Brasil, Região Nordeste, Maranhão e São Luís - 1872/2010

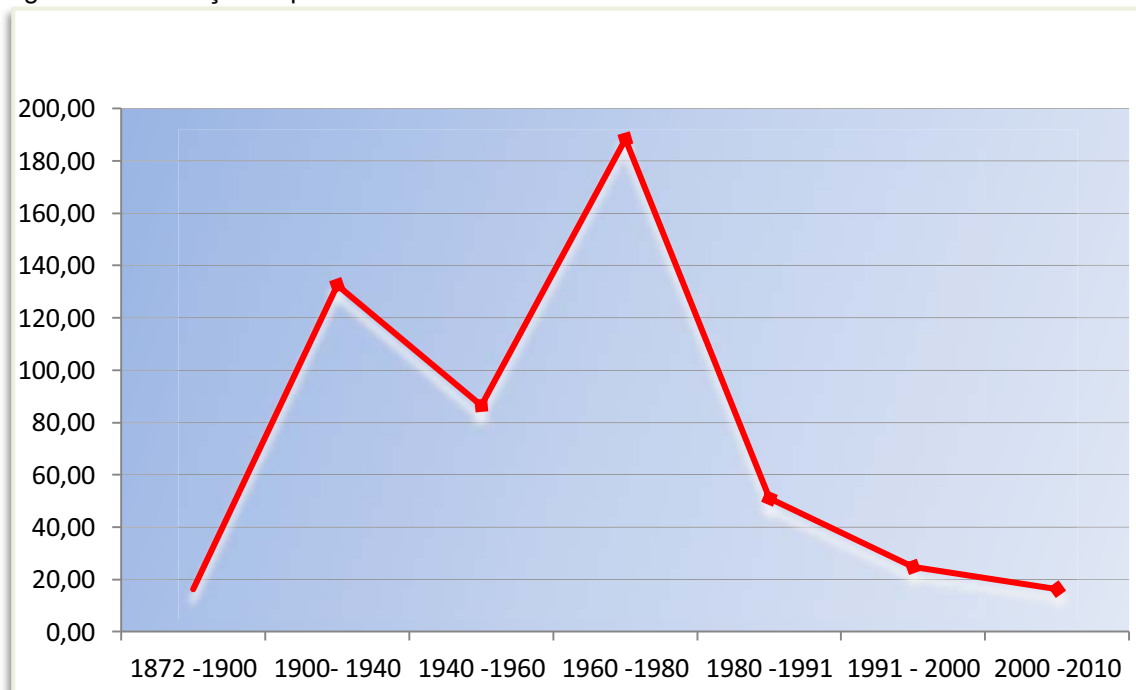
Décadas	Brasil	Nordeste	Maranhão	São Luís
1872 -1900	75,61	45,51	39,07	16,43
1900- 1940	136,47	113,85	147,38	132,58
1940 -1960	72,16	55,39	101,77	86,52
1960 -1980	70,65	57,92	64,41	188,37
1980 -1991	21,27	19,91	20,30	51,03
1991 - 2000	15,43	12,30	14,48	24,86
2000 -2010	12,48	11,30	16,51	16,91

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

Elaboração da autora

Pelo exposto, percebe-se que o Brasil tem seu pico no crescimento de sua população nas décadas de 1900 -1940, como também o Nordeste, Maranhão e São Luís. Dos anos de 1980 para hoje observa-se que sua evolução tem ocorrido de forma bem mais amena. Há um fato curioso na evolução da população de São Luís: nas décadas de 1960 a 1980 sua população teve uma evolução estupenda: 188,37%. A figura 7.2 demonstra esse crescimento mais nitidamente.

Figura 7.2 - Variação Populacional da cidade de São Luís -- 1872/2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

Elaboração da autora

O motivo de taxa de crescimento se elevar na cidade de São Luís, nas décadas de 60 a 80, foi devido à expansão espacial da urbanização, bem como um relativo crescimento industrial, como atrativo a cidade. Espírito Santo (2006, p. 30) assim faz sua análise:

As décadas de 70 e 80 do século 20 demonstram a presença de um fluxo populacional contínuo e ascendente, desde a década de 60, que coincidiu com o avanço espacial da urbanização de São Luís. Além disso, constituíram indicadores seguros das tendências de um movimento populacional mais recente, principalmente se forem analisados em conjunto com o crescimento industrial estabelecido na década de 80 e os atrativos que foram criados com a implantação dos grandes projetos minero-industriais na capital maranhense.

Contudo, São Luís segue crescendo, como já foi documentado na tabela 7.2, em relação à taxa de crescimento do Brasil e da região Nordeste. Tem uma taxa superior, com média 4,5%. Espírito Santo justifica dizendo que a

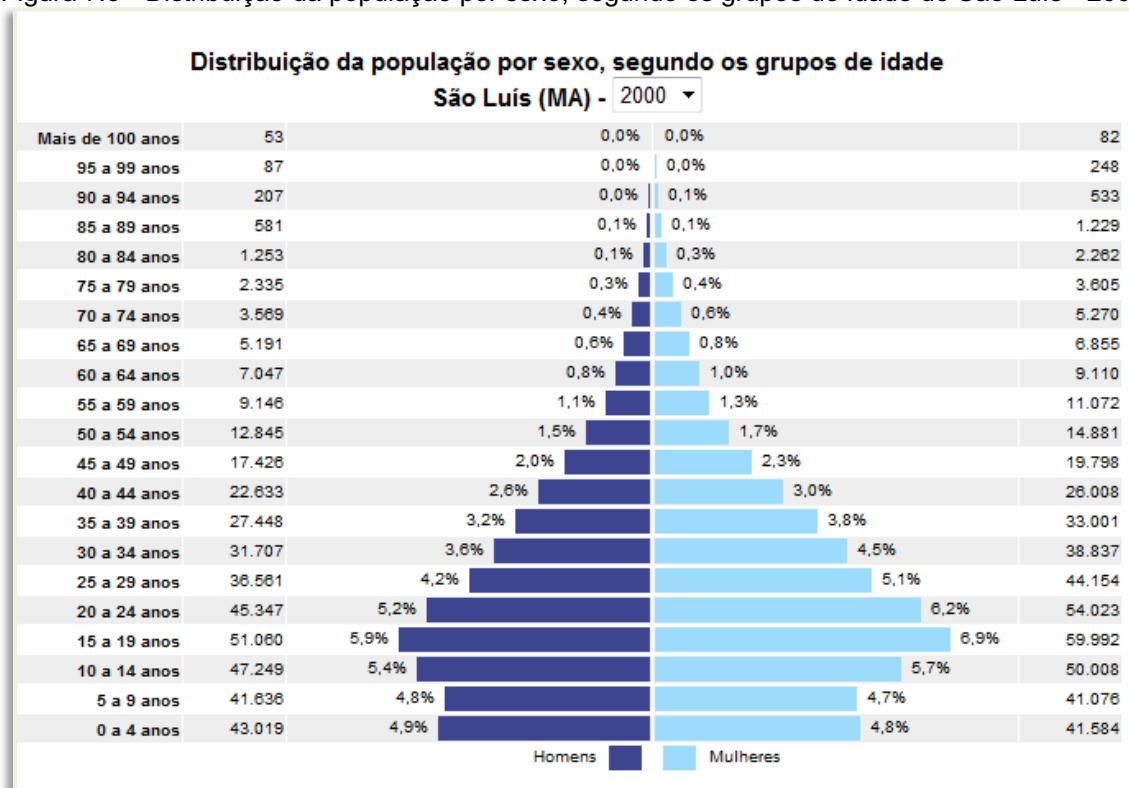
diminuição da população rural, e conseqüentemente aumento da população urbana, devem-se ao fato da Prefeitura Municipal de São Luís ter atualizado o limite entre a zona urbana e a zona rural com a implantação do plano Diretor de 1992, quando algumas áreas que eram rurais passaram a ser consideradas urbanas (2006, p.32).

A cidade é uma atração às pessoas que vivem no meio rural, pois esta oferece mais serviços e produtos, o que não quer dizer que as pessoas que migram do rural para o urbano possam ter acesso a essas ofertas.

O novo perfil industrial tem muito a ver com esse resultado. Por isso, a grande cidade, mais do que antes, é um pólo da pobreza (a periferia no pólo), o lugar com mais força e capacidade de atrair e manter gente pobre, ainda que muitas vezes em condições sub-humanas. A grande cidade se torna o lugar de todos os capitais e de todos os trabalhos, isto é, o teatro de numerosas atividades "marginais" do ponto de vista tecnológico, organizacional, financeiro, previdenciário e fiscal (SANTOS 1993, p. 10).

A capital maranhense continua sendo uma cidade jovem. As figuras 7.3 e 7.4, que se referem aos anos 2000 e 2010, indicam que existe uma alteração na pirâmide populacional, quando do censo de 2000 a base estava mais larga, com 33,5% referente aos habitantes de 15 a 29 anos e 31,5% (censo 2010). Todavia, na pirâmide do censo de 2010 a plataforma mais alargada encontra-se nos habitantes de 20 a 34 anos (31%).

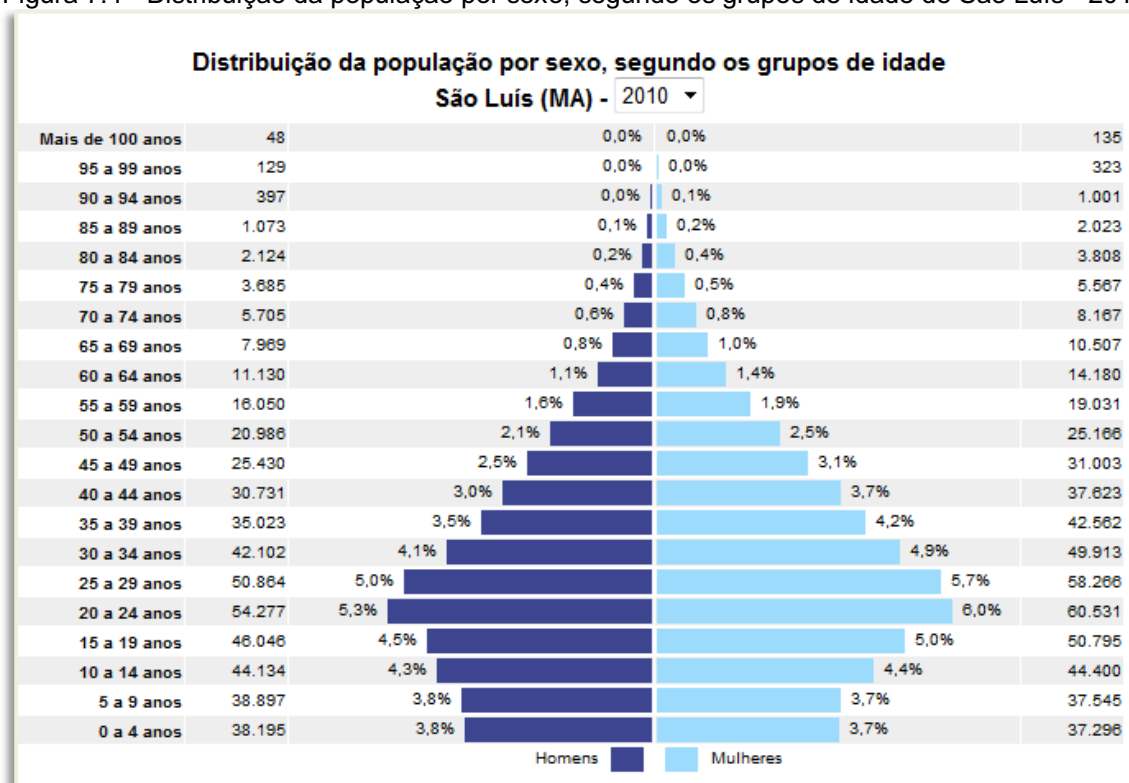
Figura 7.3 - Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade de São Luís - 2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e 2010.

http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=26&uf=21#topo_piramide

Figura 7.4 - Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade de São Luís - 2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e 2010.

http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=26&uf=21#topo_piramide

A população com mais de 80 anos teve um incremento substancial em números relativos, 69,26 % (Censo 2000-2010), ou seja, passando em números absolutos 6.535 idosos com mais de 80 anos em diante no Censo de 2000 para 11.061 (2010). Ver a tabela 7.5. Para melhor identificar esses valores, comparou-se com a evolução populacional de São Luís 2000-2010 que é 16,91%.

Tabela 7.5 - Distribuição por sexo e por faixa etária de pessoas com mais de 79 anos de idade em São Luís

Idade	2000			2010		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
80-84	1.253	2.262	3.515	2.124	3.808	5.932
85-89	581	1.229	1.810	1.073	2.023	3.096
90-94	207	533	740	397	1.001	1.398
95-99	87	248	335	129	323	452
100	53	82	135	48	135	183
Total	2.181	4.354	6.535	3.771	7.290	11.061

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000 e 2010.

Elaboração da autora

Como a maioria das cidades brasileiras, São Luís tem mais mulheres que homens, apesar de que nasçam mais homens que mulheres. Os demógrafos referem que esse fenômeno de nascerem mais homens que mulheres, isto é, para cada 100 mulheres nascem 105 homens. Segundo Nazareth (1996 p. 90) “a base de uma pirâmide de idade seja maior do lado masculino do que do lado feminino” Também diz que o fator mortalidade infantil nos homens é maior; além de que,

conseqüentemente, a medida que avançamos na idade, a superioridade dos efectivos masculinos começa a diminuir, normalmente entre os 20 a os 30 anos a importância dos sexos é igual e, nos últimos grupos etários, o sexo feminino tem sempre um maior volume populacional do que o masculino. Finalmente, existem outros factores tais como as migrações e as guerras que podem modificar o perfil de uma pirâmide de idades (NAZARETH, 1996, p. 90).

Pelas pirâmides acima percebe-se que, no censo de 2000 e 2010, houve um leve aumento de homens com idades de 0-9 anos, todavia, pode-se dizer que existe um empate técnico. Esse fenômeno já é sempre esperado, conforme citações, anteriormente, justificando.

De 15 anos em diante observou-se um crescimento do sexo feminino nas duas distribuições (figuras 7.3 e 7.4).

Existe um incremento de 9,5% a mais de mulheres na faixa etária de 15 a 34 anos; de 35 anos a 44 anos 7% mais mulheres que homens (censo 2010).

Pelo censo de 2010 nota-se que houve um aumento de 7% de mulheres na faixa etária de 20 a 49 anos de idade, ou seja, mais 7% de mulheres nessa faixa etária que de homens. As mulheres seguem sendo maioria na faixa de 50 a 79 anos, porém com uma diferença percentual muito pequena 1,1% (homens) e 1,35% (mulheres), dizendo melhor tem 0,25% mulheres a mais que homens nessa faixa etária.

Outra análise a que essas pirâmides populacionais de São Luís nos remete é a percepção da tendência ao envelhecimento. Segundo estudiosos demográficos como Nazareth e outros, essa é uma tendência mundial.

Em primeiro lugar, em termos demográficos, existem dois tipos de envelhecimento: o “envelhecimento na base” e o “envelhecimento no topo”. O primeiro tipo de envelhecimento ocorre quando a percentagem de jovens começa a diminuir de tal forma que a base da pirâmide de idades fica bastante reduzida. O “envelhecimento no topo” ocorre quando a percentagem de idosos aumenta, fazendo assim com que a parte superior da pirâmide de idades comece a se alargar, em vez de se alongar, como acontece nas sociedades típicas do Antigo Regime ou dos países em

desenvolvimento. Estes dois tipos de envelhecimento estão ligados entre si: a diminuição percentual do grupo dos jovens implica um aumento proporcional nos outros dois grupos de idades, em particular no grupo dos idosos. (NAZARETH 1996, p. 95).

O que as pirâmides acima não nos mostram (porque os números absolutos são muito pequenos) é que as mulheres de 80 anos em diante estão vivendo bem mais que os homens com a mesma idade. No censo de 2000, eram 3,71% mais mulheres que homens e no censo de 2010, esse percentual quase duplicou, passando a 6,18% mulheres mais que homens. A tabela 7.5 dá uma ideia desses números.

7.3 Viajando na história de São Luís

O Brasil foi dividido em capitâneas hereditárias em 1535, pelo rei João III, de Portugal, para incentivar o povoamento. A Capitania do Maranhão ficou aos cuidados de João de Barros, um historiador que levou a sério a sua missão colonizadora, contudo devido às dificuldades de comunicação com o restante do Brasil, ou seja, com as outras capitâneas, e a falta de ajuda oficial e também o precário conhecimento das rotas marítimas, essa colônia desapareceu, mas ainda assim João de Barros colonizou 4 vilarejos, sendo um maior chamado, à época, Nazaré, que pode ser São Luís. Depois de 1570, com toda essa dificuldade, a costa do Norte da colônia do Maranhão ficou abandonada a sua própria sorte. Sendo assim, no dia 26 de julho de 1612, chegou ao Maranhão a expedição francesa comandada por Daniel de la Touche, Senhor de la Ravardière, fundando Upaonimirim (futura ilha de Saint Anne, e depois, Trindade, onde os sobreviventes do naufrágio de Aires da Cunha teriam fundado a cidade de Nazaré). E no dia 8 de setembro, solenemente, lançaram o alicerce de uma colônia na região, chamada França Equinocial, "não pela força mas por amor", segundo as palavras do missionário capuchinho Claude d'Abbeville¹⁰⁸.

A única cidade brasileira fundada pelos franceses, todavia o reinado dos franceses durou pouco. Após três anos, em 1615, os portugueses expulsaram os

¹⁰⁸ Ver Livros de História do Maranhão de Mário Meireles e História do Comércio do Maranhão de Jerônimo Viveiros citados na Bibliografia.

franceses, na batalha de Guaxenbuba, sob o comando de Jerônimo de Albuquerque Maranhão. Com essa vitória passaram a ter controle das terras maranhenses. O nome Maranhão se deve ao sobrenome de Jerônimo de Albuquerque Maranhão.

Uma cidade antiga, com pouco mais de 100 anos depois do descobrimento do Brasil, que se pode dizer colonizada em quase uma mesma época pela América portuguesa. São Luís era privilegiada por sua localização estratégica¹⁰⁹ e sua economia¹¹⁰.

Confira-se como ocorreu sua história ao longo dos séculos de XVII a XIX. Os portugueses invadiram a maior parte do território do Nordeste¹¹¹, os holandeses também dominaram as terras da Capitania do Maranhão em 1641. Eles desembarcaram em São Luís e tinham como objetivo a expansão da indústria açucareira com novas áreas de produção de cana-de-açúcar.

Os colonos, insatisfeitos com a presença holandesa, começaram movimentos para a expulsão dos holandeses do Maranhão em 1642, começando uma violenta guerra que durou cerca de três anos. Esta deixou a cidade destruída e houve muitas mortes. Em 1644, enfim, os portugueses conseguiram expulsar os holandeses.

Houve duas grandes revoltas no Maranhão: a Revolta de Beckman em 1684 – dois irmãos comerciantes Manuel e Tomás queriam o fim da Companhia de Comércio do Maranhão¹¹², e a expulsão dos jesuítas, pois a Companhia de Jesus

¹⁰⁹ Localiza-se na ilha Upaon-Açu (denominação dada pelos índios tupinambás significando "Ilha Grande" e onde foi construído um forte chamado de Aant Louis), no Atlântico Sul, em pleno Golfão Maranhense entre as baías de São Marcos formada pelos estuários do Rio Anil e Bacanga e São José de Ribamar. Com todo um mar para navegar e chegar até a ilha, o que a tornava por vezes vulneráveis a invasão. Sendo descoberta por franceses, três anos após os portugueses a tomaram, e depois os holandeses invadem, e mais tarde os portugueses voltam a tomar posse de São Luís.

¹¹⁰ Pela sua localização favorável à atividades portuária, pois São Luís tem um grande porto, hoje chamado de Itaqui. Então, no período colonial, tornou-se um importante centro de exportação de algodão e cana-de-açúcar. No século XVII, a base da economia do Estado encontrava-se na produção do açúcar, cravo, canela e pimenta; no século XVIII, surgiram o arroz e o algodão que se juntaram ao açúcar, sendo esses três produtos a sustentação da economia escravocrata do século XIX.

¹¹¹ Já haviam invadido Salvador, Recife e Olinda

¹¹² A Companhia de Comércio do Maranhão, aos moldes da Companhia Geral do Comércio do Brasil. Foi um acordo feito entre os colonos e a Coroa portuguesa em 1682. O Maranhão passava por seria crise econômica, com a abolição da mão de obra escrava dos índios. O trato seria que, em vinte anos, seriam introduzindo 10 mil escravos africanos, quinhentos por ano, e ainda o fornecimento de alimentos, como azeite e vinho. Em troca o Maranhão teria de produzir e enviar a coroa portuguesa, pelo menos um navio por ano com produtos locais, cacau, baunilha, pau-cravo e tabaco, a preços tabelados impostos pelos compradores. Portugal não cumpriu seu trato, atrasava a entrega dos escravos e alimentos e além de que abusava nos preços dos produtos, o que culminou com a Revolta de Beckam.

era contra a escravidão indígena, fonte principal de mão de obra àquela época. Esta rebelião não teve êxito, e Manuel Beckman foi condenado à morte e enforcado em praça pública, no mesmo ano. A Companhia de Jesus foi extinta, mas os jesuítas não foram expulsos.

Cerca de 70 anos depois, em 1755, foi instalada a Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão.

Com a construção da Praça do Comércio, na Praia Grande, a qual se tornou o centro de ebulição econômica e cultural de São Luís. Produtos e novidades vindos especialmente de Portugal e Inglaterra eram comercializados na praça.

Na segunda metade do século XVIII, com o começo da Revolução Industrial inglesa, as exportações de algodão tiveram forte crescimento, o que contribuiu para a prosperidade econômica e o aumento da população, sendo a terceira cidade mais populosa do Brasil, atrás somente de Rio de Janeiro e Salvador. Esse progresso econômico, porém, não se manteve. Após as lutas da Independência, o Maranhão entrou no século XIX com a economia em declínio, devido à recuperação da produção dos Estados Unidos e a Abolição da Escravatura, que aos poucos vai sendo substituída pela indústria têxtil.

A estagnação perdurou durante o Império, provocando revoltas, como a Balaiada¹¹³, ocorrida entre os anos de 1838 e 1841.

Mais tarde, a migração para os seringais da Amazônia. No início da República, a manufatura algodoeira e o beneficiamento de arroz, açúcar e óleo de babaçu sustentaram a economia do Estado, mas não impediram o empobrecimento de grande parte da população.

A História do Maranhão e especialmente São Luís permeará todo este estudo; portanto, ao longo da investigação vão-se resgatando memórias para entender alguns por quês.

¹¹³ A revolta da Balaiada foi a maior revolta popular acontecida em terras Maranhenses e de repercussão em todo o país. Seus principais apoiadores foram os vaqueiros, por homens sem posses e pelos escravos que estavam em quilombos. A causa para tamanha revolta era a extrema pobreza, e naquele momento havia uma forte crise do algodão, além de uma disputa pelo poder. A referida revolta tinha por objetivo invadir a capital da província, São Luís, tentativa que foi frustrada sendo os invasores dispersos, mas alcançou a vizinha província do Piauí. Os líderes do movimento foram mortos ou capturados e julgados e condenados à pena de morte, os que não foram mortos, foram anistiados pelo Imperador, assim se estabelecendo a pacificidade, como ficou conhecido o Coronel Luís Alves de Lima e Silva, Barão de Caxias, “uma passividade por meio da violência”.

7.4 Da glória a decadência: Influências na urbanização de São Luís

Depois que os portugueses expulsaram os franceses de São Luís, em 1615, quando esta começou a ter forma de cidade, com o projeto do engenheiro Frias de Mesquita¹¹⁴. Este planejou a cidade em forma de xadrez, com suas ruas retas. Ainda hoje se pode observar esse traçado no Centro Histórico de São Luís. Também construiu vários fortes para protegê-la de invasões. Esse traçado em xadrez é herdado da influência da Espanha sobre Portugal, na época do domínio do primeiro sobre o segundo, confira-se (REIS FILHO, 2001, p.58 -61).

Quando a coroa portuguesa ficou sob o domínio de Felipe II, o urbanismo passou a ser orientado pelas normas de regularidade formal contidas na legislação filipina para as colônias. Isto explica o fato de cidades como João Pessoa e São Luís do Maranhão apresentarem traçados muito formais, semelhantes a um tabuleiro de xadrez.

E ainda Espírito Santo ratifica que esse crescimento, se diz urbanista, com um traçado específico espanhol, foi deixado na Colônia como norma. O Maranhão somente foi incorporado à Coroa Portuguesa depois de consolidada esta forma urbanística, criando-se o Estado do Maranhão que compreendia, além do Maranhão, as capitânicas do Grão-Pará e Ceará, em maio de 1617.

A União Ibérica (entre 1580 a 1640) quando a Coroa portuguesa esteve sob o domínio espanhol, determinou este desenho próprio e particular ao desenvolvimento do núcleo urbano agora sob a colonização portuguesa. Tal norma urbanística, de origem espanhola marcou o domínio físico do novo núcleo urbano sobre a cultura indígena encontrada na América. (...) Já revelando o atual desenho urbano do Centro Histórico. As praças (*as plazas mayores y plazas de armas españolas*), as ruas ortogonais orientadas de acordo com os pontos cardeais e as fachadas dos edifícios (que deveriam ser concebidas com o máximo de regularidade, simetria e belas visuais) marcaram o modelo implantado pelos espanhóis em suas cidades coloniais e refletiram as expectativas renascentistas de beleza, simetria e ordenação racional dos espaços públicos (Espírito Santo, 2006: p. 62)

O período que segue desde a descoberta de São Luís, de 1612 até 1755, distinguiu-se como “uma cidade sem pujança econômica, exercendo funções mais

¹¹⁴ Francisco Frias de Mesquita (1578 -1645) engenheiro e arquiteto português, que participou intensamente na defesa do território, projetando, construindo e atendendo às fortificações implantadas ao longo de todo o litoral brasileiro. Participou da conquista de São Luís do Maranhão, até então descoberta e colonizada pelos franceses.

de caráter político. Base de penetração da metrópole no hinterland maranhense¹¹⁵ (RIBEIRO JUNIOR, 1999, p. 25).

São Luís do Maranhão, como é chamada, foi um dos principais centros comerciais e de fiscalização da exportação de produtos agrários, fazendo a ligação com a circulação internacional de mercadorias. É nesse período, final do século XVIII até meados do século XIX, que São Luís experimentou um impulso no crescimento econômico. Pode-se dizer que essa foi uma fase primordial na urbanização de São Luís antes da chegada e expansão da Revolução Industrial que dá início ao Capitalismo. Esse foi um momento quando a cidade estabeleceu relações cosmopolitas com a Europa, tendo sua população aumentado de 1720 a 1788 mais de 16 vezes, passando de um pouco mais de mil habitantes a 16.580 habitantes (CAFETEIRA, 1994).

Em 1755, foi fundada a Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão ou companhia Geral do Comércio por Marques de Pombal, criadas várias Companhias de Comércio em diferentes regiões de suas colônias¹¹⁶. Pelos dados estudados parece que a segunda companhia criada por esse empreendedor seria a Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, a qual tem como principal propulsor econômico a produção do algodão em larga escala, utilizando a mão de obra escrava. A produção é escoada nos portos de São Luís e de Alcântara. O Maranhão começou a experimentar seu período de glória econômica, pôs a circular riquezas pelo Estado, mas principalmente em São Luís.

Nesse mesmo ano, Lisboa foi atingida por um terremoto, e um terço da cidade foi destruída, deixando um saldo de 40 mil portugueses mortos. Coincidiu com a expansão econômica de São Luís. Começou-se um novo período de urbanização, que se foi definindo com construções barrocas pombalinas. Houve a reconstrução de Lisboa. De acordo com Espírito Santo (2006, p.63).

¹¹⁵ O termo Hinterland provém do alemão que significa terra atrás (uma cidade, um porto ou similar). Também expressa o sentido de “sertão”. Uma área próxima a um porto, que possui armazéns e equipamentos para o embarque e desembarque das cargas, bem como as rodovias e ferrovias que o ligam a outras localidades. A área de onde produtos são entregues a um porto para embarque é chamada de hinterlândia do porto. O caso específico de São Luís é porque esta cidade possui o segundo maior porto em profundidade do mundo e está equipado com tudo que é necessário para importar e exportar mercadorias.

¹¹⁶ Sebastião José de Carvalho e Melo, mas conhecido como Marques de Pombal, criou a Companhia da Ásia (1753), Companhia da Pesca da Baleia e da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro (1756) e a Companhia de Pernambuco e Paraíba (1759), como meio de aumentar a oferta de emprego aos seus conterrâneos portugueses.

As novas edificações em São Luís (fruto do desenvolvimento da Companhia de Comércio) seguiram os mesmos princípios estilísticos hoje reconhecidos como Barroco Pombalino, surgidos como resultado plástico das medidas normatizadoras propostas pela equipe de engenheiros e arquitetos a serviço de Pombal na reconstrução de Lisboa. Aproximaram-se aqui os modelos portugueses utilizados na reconstrução da chamada Baixa Pombalina, em Lisboa, dos modelos adotados em São Luís do Maranhão.

São desse período a lavra das pedras de cantaria (as pedras de liós) que compõem o acervo arquitetônico da cidade, também utilizadas e provenientes de Lisboa como lastro dos navios mercantes que chegavam à cidade para o transporte do algodão para a Europa e a chegada dos primeiros lotes de azulejaria portuguesa para utilização nos novos edifícios, financiados por comerciantes portugueses ligados às atividades da Companhia Geral de Comércio

A figura 7.5 retrata os casarões construídos nesse período. É uma vista da rua Portugal com edificações barrocas e pombalinas com suas fachadas azulejadas, e seu calçamento coberto de pedra de lioz.

Figura 7.5 – Edificações barroca em forma de casarões, século XVIII – Rua Portugal /Centro Histórico de São Luís



Elaboração da autora

A riqueza econômica que o Maranhão viveu naquela época, com a produção de algodão em grande escala e sendo o principal exportador para Inglaterra,

representou 24% da riqueza produzida em São Luís. Como capital e com um grande porto, cresceu a números geométricos a população da capital, como já foi demonstrado no subcapítulo anterior.

Os comerciantes definindo-se como ricos empreendedores. Casarões e prédios foram construídos, e, assim, o conjunto arquitetônico tomou forma na Praia Grande (Figura 7.5).

as casas que eram em sua maioria muito precárias e construídas de taipa e palha, passaram a ser substituídas por sólidas edificações de alvenaria de pedra argamassada com cal de sarnambi e óleo de peixe, madeira de lei, seralheria e cantaria de lioz importadas de Portugal (Reviver, 1993: 99).

Foi nessa época que a cidade também viveu o glamour intelectual. São Luís é chamada a Athenas Brasileira, por reunir número considerável de intelectuais, de pensadores, que eram professores do Liceu Maranhense, uma escola pública de grande repercussão no ensino. Alguns dos grandes pensadores renomados em nível internacional que viveram naquela época: Gonçalves Dias – maior poeta brasileiro; Sotero dos Reis – o maior gramático e filósofo brasileiro; João Lisboa – um dos mais respeitados historiadores, jornalista e escritor brasileiro; Odorico Mendes – maior especialista em línguas antigas e um grande humanista brasileiro; Gomes de Sousa – maior físico-matemático brasileiro.

O ano de 1865 foi marcado pelo fim da Guerra Civil Americana; assim os Estados Unidos da América retomaram suas atividades primárias, secundárias com força. O algodão tem sido uma de suas principais produções em larga escala daquele país; conseguiu exportar ao mercado europeu a preços mais atraentes que o Maranhão estava oferecendo.

Nesse período o Estado do Maranhão começou a sofrer um declínio econômico, com dois problemas: a produção algodoeira diminuindo e a Abolição da Escravatura (1888), mão de obra essencial na produção de todos os cultivos do Estado.

Para Burnett (2008, p. 114 -115), a abundância vivida em São Luís nesse período de auge econômico produziu duas consequências sobre a urbanização da cidade. Uma que gerou a concentração de atividades econômicas, valorizando os chãos, pelo menos os que têm alguma influência produtiva. A segunda consequência, o aumento dos lotes urbanos que antes eram de 5 braçadas de frente

por 15 de fundo, passando a 50 ou mais braçadas, bem como inúmeros lotes com menos de 5 braçadas. Dessa forma tem-se caracterizado uma São Luís desigual.

Segundo Espírito Santo em sua dissertação de mestrado intitulada “*Tipologia da Arquitetura Residencial urbana em São Luís do Maranhão*”, referente ao auge econômico conclui.

Deste ciclo econômico surgiram uma série de melhoramentos urbanos executados ao longo do século XIX: calçamento em diversas ruas, implantação do cais da Sagração, antigo Passeio Público, hoje Av. Beira Mar, a reurbanização das principais praças da cidade (2006, p.75)

Também os transeuntes famosos que por ali passavam formavam suas opiniões, como no caso do botânico inglês George Garden em 1841 que observou que as ruas de São Luís eram bem limpas e com um bom calçamento¹¹⁷

Desde 1808 São Luís começou a experimentar a fase da industrialização, e assim, foi instalada a primeira indústria têxtil, de curtume, localizada no bairro do Anil. Aproximadamente em 1840, São Luís servia de abrigo a seis fábricas de pilar arroz; vinte e duas de cal; três de sabão e vela; oito olarias; seis tipografias; quatro refinarias de açúcar; nove padarias; mais artesões que criavam roupas; chapéus e fabricavam charutos¹¹⁸. A industrialização se dava paralelamente ao ápice econômico, sendo a riqueza dessa época utilizada na modernização da cidade e investimento na educação através dos jesuítas, implantação de iluminação pública, rede de água e saneamento, transporte de bondes puxados a burro, serviço de água canalizada através de chafarizes da Companhia do Rio Anil, elevando-se o nível de vida de seus habitantes¹¹⁹. Nesse período a cidade crescia em população, chegando a ser a terceira maior do Brasil, como já foi citado acima.

Em meados do século XIX, São Luís era considerada como a quarta cidade mais importante do Império Brasileiro, ao lado de Rio de Janeiro, Recife e Salvador, sobre seu distinto traçado geométrico português.

¹¹⁷ Confira detalhes sobre algumas observações de transeuntes europeus com um certo status, no estudo de dissertação de Espírito Santo, “*Tipologia da Arquitetura Residencial urbana em São Luís do Maranhão*”.

¹¹⁸ Dados extraído do livro *Formação do Espaço urbano em São Luís de Ribeiro Junior*, (VIVEIROS apud RIBEIRO JUNIOR) e no livro: *São Luís: Uma leitura da cidade* de José Marcelo do Espírito Santo.

¹¹⁹ Embora se saiba que quem usufruía da qualidade de vida era as famílias pertencentes ao topo da pirâmide (políticos, altos comerciantes, indústrias, religiosos, etc) ficando de fora os escravos e o proletariado.

No ano de 1880 houve uma tentativa de levantar a economia maranhense. Com as indústrias a cidade se expande e urbanisticamente dá uma nova cara, ou melhor, a cidade vai se transformando de forma rápida e bem visível, uma nova maneira de organizar a cidade que, até então, era restrita ao Centro Histórico e seus entornos. A cidade se expandia para o interior da ilha, para, ao redor das fábricas, irem surgindo bairros. Era uma necessidade, pois a mobilidade era quase impossível, caso o operário vivesse longe do seu trabalho.

No fim do século XIX a agricultura entrou em decadência e, nos fins dos anos 20 do século XX, começou a decadência da produção das indústrias têxtil, consolidando-se um declínio econômico.

Nas décadas de 20 e 30 do século XX, a capital maranhense se revelou pelas epidemias e insalubridades na cidade, pois não havia infraestrutura adequada, como saneamento básico, então, os vírus da varíola, do impaludismo, sarampo e paralisia infantil, que já se alastravam pelo mundo, entraram com força em São Luís vitimando muitos ludovicenses. Deste modo, a exemplo de outras cidades do mundo e do Brasil¹²⁰, foi necessário modernizar São Luís. Muitos eram os planos para esse feito, porém, até essa data, segundo Farias Filho (2004, p. 12), nenhum destes planos foi levado a cabo.

Em São Luís, assim como em algumas capitais brasileiras, as questões urbanísticas já vinham de longa data sendo debatidas e estudadas, no entanto, nenhum plano de vulto havia sido colocado em vigor. Somente nos anos vinte é que o engenheiro Jayme Tavares, na tentativa de modernizar a velha e colonial São Luís implantou o Plano de Melhoramentos Urbanos - um conjunto de medidas responsáveis por modificações, às vezes radicais, no sítio urbano da cidade.

¹²⁰ Paris de Haussmann influenciou a modernização do Rio de Janeiro de Pereira Passos (1903-1906), conforme dito no capítulo IV, subcapítulo 4.1. Rio de Janeiro se tornou o incentivo de modernização para outras cidades brasileiras, como São Luís.

Figura 7.6 - Adensamento de moradias populares – Vila Bessa



Fonte: Farias Filho, 2003

O pensamento do engenheiro Jayme Tavares¹²¹ era como de quase todos daquela época, ou seja, os casarões coloniais e ruas estreitas deveriam dar passagem para ruas largas e edifícios com mais andares, já começando a estrutura urbana verticalizada. Assim, o referido engenheiro e prefeito deu início à modernização com a construção da Avenida Beira Mar.

A ideia era fazer a cidade mais bela, já que era chamada a “velha e feia São Luís”, e um dos determinantes a esse dito “velha e feia São Luís” era pelas moradias operárias que se comprimiam em um determinado espaço pequeno (Figura 7.6). E eram os pobres que enfeavam a cidade, que faziam a cidade insalubre, por isso eram punidos com multa e até prisões, se construíssem casebres de palhas. Esta ação é tida como a profilaxia da cidade (1928), ou seja, uma parte da ação sanitária¹²². Assim, a população pobre se distanciava do centro, ou melhor, se afastava dos mais abastados.

¹²¹ Jayme Tavares, eleito prefeito, em março de 1926 a novembro de 1927, além da construção da Beira –Mar, também, nesse curto espaço de tempo, recuperou estradas, fez pontes de concretos, todavia, muito da arquitetura colonial desapareceu. Para mais detalhes ver *Poder, Discursos e Contradições: breve análise de configuração e “modernização” do espaço de São Luís nas décadas de 1920 -1930*, de Marcelino Silva Farias Filho.

¹²² Essa radical medida sanitária para conter as epidemias trouxe revoltas externadas nos periódicos, chamada de A epidemia do malefício da Prophylaxia, “Peste, varíola, febre amarela, resignadamente sofreu o povo maranhense porque são epidemias que aparecem muitas vezes, escapando às previsões humanas. Agora, porém, um premeditado surto epidêmico de malefício cobre de infortúnio a torturada população de S. Luiz, já tão castigada pelas doenças. É o quebramento dos potes e a condenação dos filtros. A população da Capital está, presentemente, passando os maiores

Pelos vários textos lidos, parece que até essa época os pobres dividiam os mesmos espaços com os ricos, caminhavam pelas mesmas ruas e exploravam os mesmos armazéns.

Todavia, uma São Luís bonita, mas sem se preocupar com a funcionalidade de sua população, muito menos com a infraestrutura da cidade.

Os problemas apresentados nas principais discussões travadas nos meios de comunicação locais como fundadores da necessidade de uma remodelação radical da área central da Cidade estavam quase sempre relacionados com “os aspectos coloniais das ruas e habitações”, “a inestética dos velhos pardieiros”, “a ausência de belas e ajardinadas praças”, “a necessidade de se construir de modernos hotéis e *clubs* de diversão”¹²³. Enfim, relacionam-se predominantemente com questões estéticas e muito raramente com questões funcionais e estruturais dos melhoramentos e construções a serem realizados (FARIAS FILHO, 2003, p.23).

Esse era um debate constante entre a intelectualidade ludovicense, principalmente nos periódicos da cidade. Importa ressaltar que os intelectuais desse tempo tanto de São Luís como do Brasil, como um todo, estavam alocados em cargos públicos de grande escalão.

Na década de 30 foi nomeado Octacílio Saboya Ribeiro como prefeito com a incumbência de modernizar a cidade. Saboya Ribeiro elaborou quatro fatores básicos que, segundo ele, seriam imprescindíveis para o embelezamento da cidade.

a) Neutralizar o poder de uma elite conservadora que tinha todo um interesse voltado para a manutenção da situação vigente em relação ao estado de conservação da arquitetura e malha urbana¹²⁴ (...); b) Higienizar todo e qualquer estabelecimento, público ou privado, que não estivesse dentro dos padrões sanitários modernos, bem como com estrutura físico-arquitetônica inadequada (...); c) dotar a Cidade de uma malha viária que permitisse uma circulação regular de automóveis – para muitos, símbolo da modernidade. (...); d) Demolir toda e qualquer edificação que estivesse em situação de ruínas ou não tivesse estrutura física ou valor arquitetônico suficientes para se manter dentro de uma cidade moderna e apresentável aos olhos do progresso (FARIAS FILHO, 2003, p.43).

dissabores e afrontas com essa medida ultra-científica” A EPIDEMIA do malefício da Prophylaxia. A Pacotilha, São Luís, p.02, 12 set. 1928, *apud* Farias Filho (2004, p. 29).

¹²³ Esses problemas eram quase sempre tema central das discussões elaboradas por jornalistas e intelectuais e divulgadas no jornal Diário do Norte nos anos de 1936 e 1937.

¹²⁴ Para Saboya Ribeiro, as pessoas mais abastadas estavam acostumadas a não pagar impostos referentes as suas obrigações com o município e ainda super exploravam a população pobre que vivia de aluguel nos edifícios dos abastados, edifícios esses que eram pardieiros, e não havia estrutura nem física nem sanitária. Melhor dizendo: essas pessoas viviam em pardieiros desses donos (ricos), pagando alugueis altos e os donos desses edifícios não pagam os impostos aos cofres municipais.

Para começar, foi criada uma taxa chamada taxa de embelezamento, que deveria sair dos bolsos dos donos dos prédios e comerciantes, para fazer as reformas e limpezas dos referidos prédios, melhorando sua aparência e com melhores condições de moradia. Essa medida foi uma das causas de muitas desavenças entre a administração pública e a elite ludovicense. Os insultos de ambas as partes davam lugar nos periódicos da época, o que culminou com a demissão de Saboya Ribeiro um ano após a sua nomeação, demonstrando-se o poderio dos que têm capital.

Depois desse período o município incentivou a população pobre a se afastar do centro, isentando-os do imposto territorial urbano.

Celso Furtado chama de “falsa euforia”, contudo esse período foi de grande importância para a formação urbana de São Luís. Talvez daí venha uma nova forma de ver o Maranhão como uma terra atrasada e pobre, uma fase bem distinta da anterior onde era chamada Atenas Brasileira.

Alguns autores dizem que essa derrocada econômica que atingiu São Luís no final século XIX e começo do XX foi que salvou o patrimônio histórico que existe hoje, com o maior acervo arquitetônico português do período da Colônia. Isto porque essa foi uma época chamada o “bota abaixo”, processo de urbanização que algumas cidades passaram¹²⁵. Burnett (2008, p. 121) referenda

Em termos urbanísticos a diminuição do ritmo de desenvolvimento local impediu a renovação urbana radical da cidade e permitiu a preservação passiva de um imenso acervo arquitetônico, construído ao longo dos dois últimos séculos.

Ainda em meados do século XX São Luís começou a experimentar uma urbanização mais moderna.

(...) o calçamento da Rua Grande e do antigo Caminho Grande, a abertura da Avenida Magalhães de Almeida representa o corte simbólico no tecido secular da cidade para ali inserir a desejada modernidade das largas avenidas e edificações ecléticas

O começo do esvaziamento do Centro Histórico demarcou uma outra face da urbanização fruto dessa época, conforme Espírito Santo (2006, p. 65),

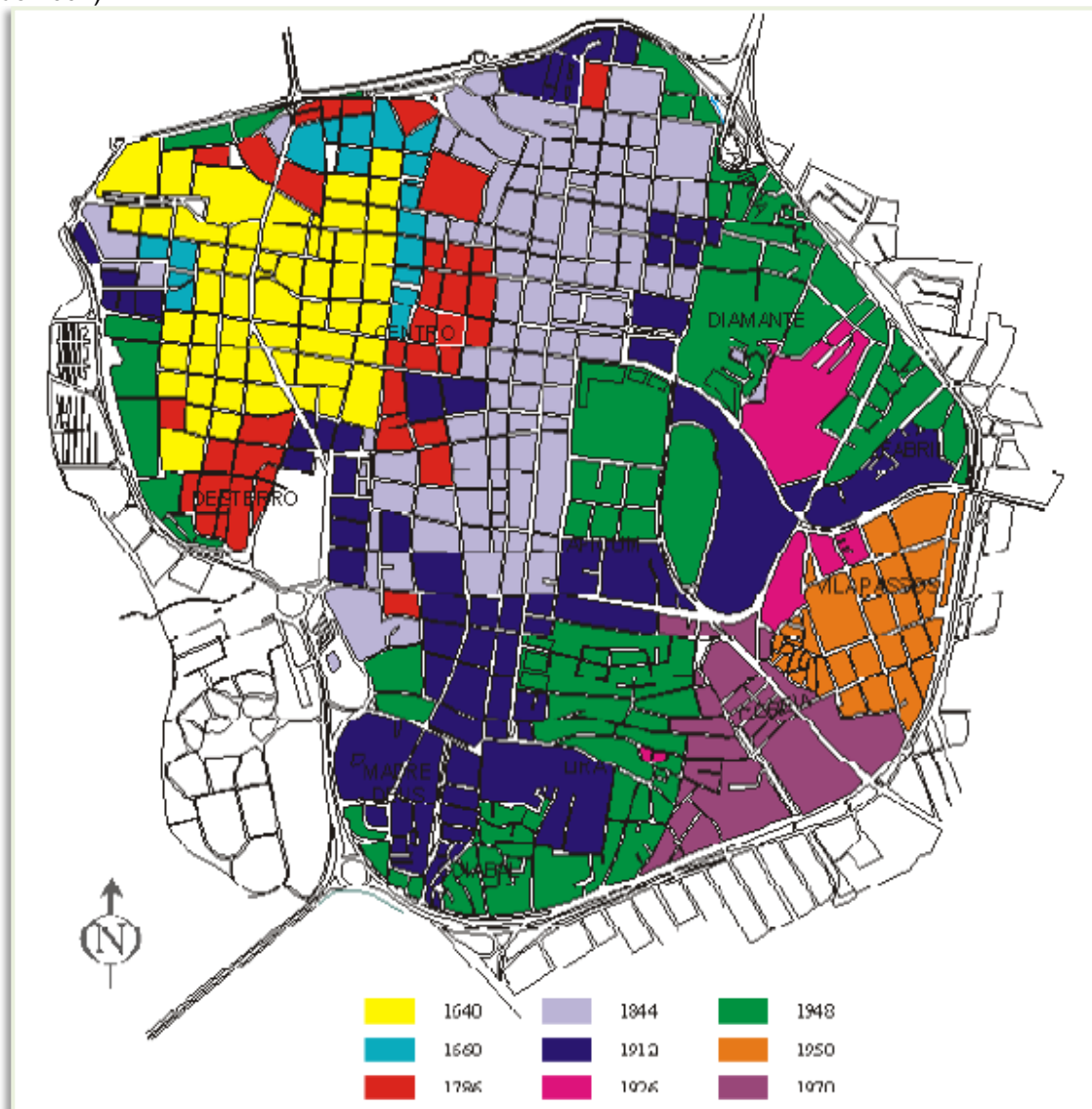
Reflexos das transformações econômicas repercutiram na ocupação espacial da cidade, determinando deslocamentos populacionais. De um

¹²⁵ Ver capítulo IV, subcapítulo 4.1.

lado a população de renda mais alta instalada até então na área da Praia Grande se deslocou para o bairro Monte Castelo, especificamente ao longo da avenida Getúlio Vargas. Neste momento deu-se início ao processo de desvalorização da área central que vai sendo ocupada pela população de renda mais baixa, dando origem à formação dos cortiços.

Ver na figura 7.7.a expansão do centro da cidade demarcada por períodos de 1640 até 1970, com o qual se tem uma visão da evolução do espaço de São Luís, ainda restrito ao Centro da cidade e seus arredores.

Figura 7.7 - Evolução/Expansão do Centro Histórico de São Luís: 1640/1970 (sobre base cartográfica de 2001).



Fonte: Fonte: Espírito Santo (2006, p. 65).

Ainda meados do século XX, no intento de recuperação econômica, foram construídas a estrada de ferro São Luís-Teresina e algumas rodovias que favorecem o escoamento de produtos.

Em 1950 foi apresentado pelo engenheiro Ruy Mesquita, Diretor da Estrada de Rodagem, o Plano Rodoviário da Ilha de São Luís, que expandia a cidade através de estradas. Segundo Burnett, esse plano foi o primeiro documento técnico. Consistiu em seu conteúdo a segregação socioespacial.

Uma nova proposta urbanística de Mesquita detalhada em seu “Plano de Expansão da Cidade de São Luís” de 1958, conserva o caráter dos vetores rodoviários do plano anterior e propõe a separação de funções e segregação residencial, sendo o primeiro documento técnico conhecido a recomendar tal tipo de crescimento para a cidade (BARROS, 2001), em uma lógica funcional que fará com que sejam adotadas quando da elaboração do Plano Diretor de 1977, quase vinte anos mais tarde (BURNETT (2008, p. 125-126).

Nesse passeio por São Luís no tempo, percebe-se que no século XX, foi-se definindo uma cidade que precisava modernizar-se, e via com naturalidade a segregação espacial.

Assim, dos anos de 1967 a 1970, foi construída a barragem do Bacanga, Porto do Itaqui¹²⁶, a segunda ponte sobre o Rio Anil, ponte São Francisco. Com a construção das referidas pontes, bairros e bairros foram surgindo ou de forma planejada através de conjuntos habitacionais ou por invasão de terras. Pode-se inferir que as duas formas de surgimento de bairros são maneiras de segregação socioespacial e econômica.

O modo de retirada das pessoas do centro da cidade, com a construção de conjuntos habitacionais, expandiu a urbe de forma exagerada, o que parece não haver a necessidade porque, em meio aos conjuntos e ao centro, havia vários vazios urbanos, o que evidenciou muitos problemas de infraestrutura. Espírito Santo relata:

Estes conjuntos foram implantados em área afastada do tradicional centro residencial e comercial da cidade, evidenciando nesta época o surgimento de grandes bolsões de vazios urbanos, que acentuaram em parte a expansão urbana exagerada que a cidade hoje apresenta. Surgiram aqui, os mais graves problemas em termos de fornecimento das infra-estruturas e dos serviços de abastecimento e saneamento, bem como de transporte e limpeza pública. A principal oferta da rede escolar, hospitalar e de serviços ainda permanecia no Centro Histórico (2006, p. 66).

¹²⁶ O porto do Itaqui é o segundo terminal portuário mais profundo do mundo e nele podem atracar navios que possuem calado de mais de 20 metros.

Portanto, a cidade cresceu desordenadamente, dando impulso para o primeiro Plano Diretor em 1975¹²⁷, o qual tomou providências para a regulamentação do espaço urbano, com uma proposta de Lei de Uso, Ocupação e Parcelamento do Solo. Burnett opina sobre tal situação.

Após assegurar a transferência da posse das terras da União para o município (Administração do Prefeito Haroldo Tavares, 1975, providencia-se a regulamentação do espaço urbano. Através da proposta de Lei de Uso, Ocupação e Parcelamento do Solo, o Plano Diretor de 1977, elaborado por escritório do sul do país (Wit-Olaf Prochnik, Arquitetura e Planejamento S.L.C), zonifica o território, decretando o perfil socioeconômico dos futuros usuários.

Talvez não seja de estranhar que tanto Burnet como Espírito Santo se refere ao elaborador do Plano Diretor, como se dissesse: Por que esse escritório? Esse escritório, que é do sul do país, conhece a nossa realidade? Conhece nossa gente e sua forma de viver? Acompanharam em algum período as diferentes formas de urbanização? São perguntas que estão sem respostas até os dias de hoje.

Não se pode deixar de mencionar o grande carro chefe do Governo José Sarney na década de 80, com a implantação e implementação do Projeto Grande Carajás (PGC), sendo a cidade de São Luís, em especial, beneficiada, por ter a seu favor o Porto do Itaqui. Em vista disso foi construída a Estrada de Ferro que liga Parauapebas¹²⁸ – Pará e São Luís. Nesse tempo chegou a Eletronorte para atender a esse grande projeto, que é executado pela estatal Vale do Rio Doce¹²⁹. A usina de Tucuruí também foi construída para atender as necessidades do Projeto Carajás.

Com a cidade inchando, foram despontando, além das invasões, as palafitas, que eram ocupadas por pessoas de baixa renda, quase sempre migrando do interior do Maranhão, em busca de trabalho que, à época, estava em expansão a mão de obra na construção (década de 60). Ainda hoje pode-se observar algumas dessas palafitas no corredor da Ponte do Caratatiua.

¹²⁷ Espírito Santo e Ribeiro Junior datam em seus livros que o primeiro Plano Diretor é de 1974 e 1975, respectivamente e Burnett diz que é 1977.

¹²⁸ Parauapebas, localizada ao sul do Pará, onde se encontra o Parque Ecológico que abriga a Serra dos Carajás. Na serra está localizada a maior mina de ferro a céu aberto do mundo. E também o considerado pelo mais puro minério do mundo.

¹²⁹ A Vale do Rio Doce foi privatizada em 1998, no governo de Fernando Henrique Cardoso, diante de um clamor público contra as privatizações. O governo de FHC foi marcado pelas inúmeras concessões para as privatizações.

Figura7.8 – Palafitas da Salina da Vila Palmeira e do Japão, localizadas ao lado da Ponte do Caratatiua



Elaboração da autora

No começo da década de 80 do século XX foi instalado no polo definido como industrial a ALUMAR, CVRD e a USIMAR, que, juntas, ocuparam 19.946,23 ha equivalente a 23,98 da área de São Luís, quase um terço do território global do município. Sendo o restante distribuído em áreas protegidas ambientalmente e para ocupação urbana. De certo que a USIMAR não foi implantada, alvo de muitos escândalos políticos, envolvendo alto grau de corrupção.

Outrossim, a malha viária de São Luís se complicou, pelo elevado número de automotores, sem estradas suficientes nem infraestrutura adequada, fazendo da cidade um caos no trânsito, com uma larga extensão de engarrafamentos. Isto motivou o Governo a construir quatro viadutos: Calhau, Cohama, Cohab e Franceses, além da ponte Bandeira Tribuzzi e o Anel Viário.

Ainda na década de 90 foi construído o segundo centro comercial¹³⁰ de grande porte, o shopping São Luís, localizado à beira da ponte Bandeira Tribuzzi no Jaracati, um bairro que desponta como uma zona de prestação de serviços, principalmente serviços de saúde de rede privada, e, abaixo, a beira da ponte, construções de casas de população de baixa renda, geralmente vindas do interior do Maranhão.

A paisagem urbana de São Luís tem-se modificado radical e rapidamente, sem um planejamento urbanístico. A passagem para o século XXI segue referendando mazelas sociais e os problemas urbanos se agravam com a

¹³⁰ O primeiro centro comercial de São Luís, que trouxe impacto socioeconômico foi o Shopping Tropical, construído em 1986.

separação, fragmentação, segregação e desigualdade socioeconômica do território ludovicense.

7.5 A passagem para o século XXI: São Luís hoje

No trabalho sobre *Cidade e Justiça Social* de David Harvey, é perceptiva a ligação da dinâmica urbana com a reprodução das desigualdades sociais, com uma distribuição perversa da riqueza. Sendo, assim, a pertinência de investimentos concentrados se configura como territórios de exclusão socioespacial. O indivíduo tem que encontrar formas de pertencimento a cidade para fazer parte dela como um todo.

São Luís já nasceu segregada, e cada século, cada década, ela permanece nesse estágio, sendo mais oprimida e mais separada, com clara estratificação socioespacial. Nascimento Santana (2003, p.32) é contundente quando explica, em sua tese, as relações sociais herdadas da colonização até o poder oligárquico.

não deixa de ser a cidade crescida a partir de projetos industriais carregados de contradições no processo dito desenvolvimentista, cuja principal herança é a de ter reforçado o crescimento urbano com graves patamares de desigualdade social e segregação.

A capital do Maranhão terminou o século XX, deixando, em sua estrutura urbanística, características de uma cidade segregada em todos os âmbitos, agravada pela migração interiorana contínua, chegando à capital de forma desordenada, atraída por expectativa de melhores condições vida.

provocada pela estrutura fundiária do interior maranhense e atraída pelas propaladas benesses oferecidas pela capital, a migração continuou a ampliar o contingente de miseráveis que ocorria em busca de melhores condições de vida dirigindo-se, geralmente, às áreas periféricas, fossem ou não reservas ambientais da cidade (Burnett: 2008, p. 134)

Uma São Luís, em que de um lado está a burguesia, que as pontes de São Francisco e Bandeira Tribuzzi abriram caminho para as construções de mansões à beira das praias, e bonitos prédios na zona do Renascença; e nos anos 2000, a valorização das zonas Ponta do Farol e Ponta d'Areia, verticalizando essas áreas de forma rápida; e do lado oposto a barragem do Bacanga, onde cresceu a população pobre da cidade, seja por loteamentos ou seja invasões, e onde se radicalizou a

maior parte dos imigrantes do interior do Maranhão. Visivelmente uma cidade separada: ricos e pobres.

Outra segregação que se dá a olho nu, a classe média, o rico e o pobre. A classe média residindo nos bairros construídos pela COHAB, como Angelim, Vinhais, Habitacional Turu, Bequimão, Ipase, Maranhão Novo, Cohama, dentre outros. O rico residindo com suas mansões no Calhau, ou no Renascença ou Ponta do Farol ou Ponta d'Areia, de maneira verticalizada e mais segura em seus grandes apartamentos com mobílias de luxo. O pobre, do outro lado da barragem, com já foi referido, todavia, a classe pobre, em alguns espaços convive com a classe média, por meio de grandes invasões, que se transformaram em grandes bairros, como a Vila Luizão, Sol e Mar, Divineia, os quais margeiam conjunto habitacional e outros bairros com a mesma tipologia.

Destarte, pode-se intervir que existe segregação e fragmentação socioespacial. A primeira se encontra separada pelas pontes de um lado e a barragem do outro, uma separação física; a segunda não se dá pelas distâncias: podem o rico e o pobre dividir os mesmos espaços, não havendo a distância física, mas ocorrendo o distanciamento social, levando em ambos os casos a exclusão social.

Da mesma forma que as mansões e os belos edifícios estruturam os espaços urbanos, também a pobreza o faz em grande escala, saltando aos olhos as disparidades sociais, agravadas pela especulação imobiliária.

A pressão imobiliária em um tecido urbano expandido e os avanços nas tecnologias de transportes, comunicações e segurança, definiram mudanças no padrão de segregação espacial. Considerando segregação (possuidora de uma dimensão social e uma dimensão espacial) como sendo a separação, exclusão ou diferenciação entre indivíduos, privando-os da igualdade de direitos, deveres e oportunidades, podemos entender que ao modelo de segregação centro-periferia, sobrepõe-se o padrão dos enclaves fortificados, intensificando as tensões entre “incluídos” e “excluídos” que, próximos mas separados por muros, tendem a não circular ou utilizar áreas comuns (ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 88).

Aqui encontra-se uma fragmentação e segregação ao mesmo tempo, porque, por mais que as distâncias físicas sejam mínimas, a distância se dá pelos muros, com uma leva considerável de condomínios fechados, distanciando as classes sociais. Outro fator de segregação espacial são os shoppings centers. Para esses o melhor acesso é por meio de veículos próprios, deixando de fora a outra camada social, a base da estratificação.

Com a consolidação dos bairros periféricos e segregação, reforçada pelos custos de deslocamento – em tempo e dinheiro – e pelas novas fronteiras urbanas - espaços de exclusão – cresceu, nos últimos anos, a tendência ao “confinamento” das populações de baixa renda ao próprio bairro ou as suas vizinhanças, diminuindo ainda mais suas possibilidades de integração à dinâmica da economia urbana (ESPÍRITO SANTO, 2006, p. 88).

Espírito Santo nos diz que os pobres de São Luís vivem em seus bairros utilizando os equipamentos que ali existem, como escolas, postos de saúde, comércios, supermercados, etc., ou seja, tomando para si a homogeneidade da situação de exclusão existente naquele bairro, como também incorporando o sentimento de pertencimento daquela faixa espacial. Bem, como a população do meio para cima da pirâmide social se isolam em suas mansões, condomínios fechados, prédios com porteiros, e utilizando-se das estruturas dos centros comerciais de difícil acesso aos pobres. Sente-se como se estivesse no meio de iguais, com o mesmo sentimento de pertencimento.

No século XXI a cidade tem crescido em empreendimentos, a exemplo de clínicas¹³¹, hotéis, redes de supermercados, comércios em geral, em especial o de construção, faculdades particulares. São Luís cresceu rapidamente, e a infraestrutura não tem acompanhado seu crescimento, ainda mais se tratando de bairros com população de baixa renda, onde, pelo censo de 2000 havia 20,28% de domicílios particulares que não estavam ligados à rede geral de abastecimento de água e, em pior condição, estava mais da metade da população sem esgoto sanitário (57,7%).

Observam-se alguns dos problemas urbanos que permeiam esta ilha neste século: um dos grandes e incômodos problemas na cidade é o trânsito, As ruas e avenidas estão cada vez menores para o volume de veículos automotores existentes na cidade, o que se agrava ano após ano. A cidade está saturada, em horário de pico, os motoristas perdem a paciência, e as discussões no trânsito têm aumentado. E por banalidades, a violência se faz presente, inclusive ceifando vidas.

De acordo com dados do Departamento Estadual de Trânsito do Maranhão (DETRAN-MA), divulgados no mês de setembro, uma média de 26.889 veículos circulam pelas ruas da capital. Esse número cresce em média 9,3% ao ano, se comparados os dados dos últimos 5 anos. Os verbos, nas frases anteriores, não estão no passado por acaso. Nos últimos dois anos, mais de 10 mil novos veículos passaram a circular pela cidade, resultado das facilidades oferecidas na hora de adquirir veículos.

¹³¹ Edifícios inteiros são locados para clínicas e consultórios médicos.

Em relação à população, a média é de 4,6 pessoas por carro na capital, ou seja, algo utópico vem ocorrendo e a realidade mostra que as melhorias no trânsito e na infra-estrutura não acompanham tal demanda da frota. O resultado não poderia ser outro: trânsito lento, congestionamento e estresse para os motoristas e usuários do transporte coletivo (Atos e Fatos:19.10.2010)¹³².

Nunca se viu tanto problemas no trânsito de São Luís como nos últimos anos! Difícilmente se passam dois dias sem ver um acidente no trânsito, seja de uma simples batida a um acidente com vítimas fatais.

Ao lado de todo esse caos, imaginem-se aqueles que necessitam de transporte público para se locomover, que, além de ter os problemas enfrentados como todos os veículos automotores, como a lentidão do trânsito, também tem de enfrentar os ônibus com péssimas condições, levando muito tempo de espera nas paradas, também em péssimas condições, enfrentando sol e chuva, com uma superlotação vergonhosa.

Ainda as chuvas fortes e torrenciais deitadas na cidade de São Luís esburacam um asfalto frágil, e de remendos a cada ano, de material de péssima qualidade que não dura mais que umas poucas chuvas.

São Luís é uma das cidades do Brasil onde mais chove, e como é de se esperar, quem mais sofre é a população de classe média baixa e pobre. Senão:

Uma forte chuva castigou São Luís no final da tarde de terça-feira e início da manhã de quarta. Conforme dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) divulgados pela imprensa maranhense, São Luís foi a capital brasileira que registrou o maior volume de chuvas no período: 131,3 mm.

Foram aproximadamente 20 horas de chuvas ininterruptas. (...) Cerca de 30 residências ficaram temporariamente alagadas no **bairro Sá Viana, na zona periférica de São Luís**. Mas as chuvas hoje não deixaram pessoas desabrigadas. Desde o início do ano, pelo menos 90 famílias, cerca de 450 pessoas, já foram removidas de áreas de risco conforme dados da Defesa Civil Municipal de São Luís (Último Segundo: 16.02.2011) ¹³³ grifo da autora.

Em outro matéria no Jornal da Mirante em 15 de abril de 2011 sob título *Veja fotos dos estragos da chuva em São Luís*.

¹³² Atos e Fatos: Reportagem de título "Trânsito de São Luís é caótico e sem planejamento" do dia 19 de outubro de 2010. <http://oquartopoder.com/2010/10/19/transito-de-São-Luís-e-caotico-e-sem-planejamento/>

¹³³ Ver matéria completa, disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/ma/chuva+deixa+rastro+de+estragos+em+São+Luís/n1238014757553.html>

A chuva de ontem à noite causou muitos estragos na capital maranhense. Em toda a cidade, ruas e avenidas ficaram alagadas e várias casas foram invadidas. (...) **Segundo a Defesa Civil de São Luís, os bairros mais atingidos foram Angelim, Vila Embratel, Anil e Cidade Operária.** (...) De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), São Luís foi a capital que registrou o maior volume de chuva até as 18h de ontem (14), com 39,1 mm, atrás apenas de Belém, com 82,4 mm. E a previsão é de chuva moderada a forte, com trovoadas e rajadas de vento em áreas isoladas no norte do Maranhão até as 0h deste sábado. Grifo da autora

Não que a autora queira que sobressaiam somente os problemas da capital do Maranhão, porém as referências são para chamar a atenção para a urgência na resolução destes problemas.

São Luís tem um potencial turístico fantástico, por seu centro histórico, por suas lindas praias, por seu amável e hospitaleiro povo, que, todavia carece de governantes que sejam comprometidos com a cidade e sua urbanização.

E por tudo exposto acima, faz-se necessário encetar Políticas Públicas Urbanas voltadas para minimizar problemas como os expostos nestes últimos parágrafos, principalmente evitando-se a supervalorização do solo de algumas áreas consideradas nobres, bem como valorizando os solos considerados de pequeno valor, com infraestrutura adequada e equipamentos de qualidade. Por conseguinte, diminuindo as diferenças espaciais e sociais. Nascimento Santana (2003, p.32) chama a atenção para a problemática de estrutura urbana histórica calcada nas relações políticas e econômicas de São Luís.

(...) em São Luís antigas relações políticas e cidadinas têm sua maneira de não desaparecer, pois submetidas às exigências de renovação, de substituição, de mutação, dão à cidade uma história e também formas sócio-espaciais, das quais lugares e formas arquitetônicas, relações econômicas e políticas, práticas de dominação e exploração, processos de trabalho e expressões culturais se conservam, ao mesmo passo que se alteram no tempo. Ou seja, nesse espaço citadino e seu passado em permanente deslocamento, radica-se toda uma série histórica de dados reveladores dos processos através dos quais as forças produtivas, as relações sociais, as superestruturas (políticas, culturais e jurídicas) e as configurações urbanas não avançam igualmente, simultaneamente, no mesmo tempo histórico.

São Luís vai seguindo, formando uma cidade com características de urbanização horizontal e vertical, bem como Burnett define de tradicional e modernista, onde a cidade verticalizada, de construções residenciais e institucionais modernistas, contrasta com a cidade com seu acervo colonial e eclético, sem comprometer a escala de uma e outra e com um olhar diferenciado para cada uma dessas cidades dentro de uma mesma. É através desse olhar e da importância de

um dos maiores conjuntos arquitetônicos de origem europeia do mundo que São Luís, em 1997, recebeu da UNESCO o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. E por sua diversificada cultura a São Luís foi ortogado o título de Capital Brasileira da Cultura em 2009¹³⁴ E mais recentemente Capital Americana da Cultura 2012, título anunciado por Xavier Tudela, presidente do Bureau Internacional de Capitais. O título coincidiu com o ano que São Luís fez 400 anos (2012).

Esses títulos são de grande importância para a cidade, no entanto, não viabilizaram uma melhoria de vida para sua população nem de longe diminuíram os seus espaços segregados, separados por classes sociais. Pelo contrário, estes espaços segregados persistem, particularmente pela falta de compromisso político com o povo. As ações prioritárias estão deslocadas e desfocadas no alvo primeiro, com critérios de investimento em setores da sociedade que, não atingem diretamente as necessidades básicas da própria sociedade, sendo assim, o Estado deverá assumir seu papel, garantir a Segurança, a Justiça e o bem-estar econômico e social.

A cidade de São Luís, capital do Maranhão clama por um planejamento urbanístico, justo e equitativo, que atinja os menos favorecidos.

¹³⁴ Visando valorizar o patrimônio artístico e cultural das cidades, a ex-ministra da cultura da Grécia, Melina Mercouri, tomou a iniciativa, em 1985, de realizar concursos para eleger “Capital Européia da Cultura”, como meio de divulgação da riqueza das cidades eleitas. A primeira Capital Européia da Cultura foi a Grécia. Em 2000 chega esse prêmio nas Américas, sendo que a primeira cidade ganhadora do título foi a cidade de Mérida, “Capital Americana da Cultura no México”. Depois, dentro dos países elegem a “Capital Nacional ou Brasileira da Cultura”, sendo São Luís eleita em 2009. E também eleita a “Capital Americana da Cultura” para 2012. Ver na página web: <http://www.cac-acc.org/news.php?id=117>